

A Agora Virtual

Entrevista para *A coisa em si - jornal experimental dos estudantes de filosofia da UNISINOS* (2003/2)

A coisa em si - Prof. Celso, como o Sr. entrou na filosofia?

Celso - Ah!! Fundamentalmente entrei na filosofia por causa do movimento estudantil... época da ditadura ainda... muitas leituras como as de Marcuse, Guattari, Marx e o Nietzsche! Eu acho que o estilo de filosofia de Nietzsche foi responsável em grande parte pela minha entrada na filosofia... Na verdade eu acho que foi a questão política, a questão da reflexão ético-política a causa principal.

A coisa em si - A sua construção filosófica é por aí, não? O Sr. terminou seu doutorado agora; qual era o mote deste trabalho?

Celso - Então! A idéia era pesquisar, digamos, os impactos da WWW na sociedade em geral e, em especial, a influência desta na produção da subjetividade contemporânea. Em termos de história e evolução conceitual, tem a ver com a questão da *Ágora Virtual* que nasceu como um problema da *práxis* política.

A coisa em si - A *Ágora Virtual* seria uma reconstrução da democracia sem a representação?

Celso - É, é isto! Ela faz parte de uma luta contra a idéia de representação. Hannah Arendt colocou muito bem isto: "no

momento que existe representação, a política morre!" A *Ágora Virtual* é em grande parte uma resposta ao movimento político da época. Uma resposta à hegemonia teórica da democracia representativa!

A coisa em si - Que é o caso dos anarquistas...

Celso - ... e autonomistas... o Castoriadis pensa isto.

A coisa em si - Como ele, Castoriadis, pensa isto?

Celso - A posição dele é a do projeto da autonomia; para ele autonomia significava o exercício direto no poder. Ele pensava - por que na época a WWW era muito incipiente - em sistemas de comunidades de base que iam constituindo, compondo de baixo para cima (*bottom up*) a estrutura governamental. Eu prefiro pensar mais em autonomia do que em anarquia; porque enquanto a autonomia pensa em um governo baseado na auto-gestão a anarquia é, de alguma forma, a ausência de um governo... A autonomia é co-responsabilidade! Aliás, do ponto de vista da política prefiro mais o conceito de autonomia que o de liberdade. A autonomia é dar a si a própria lei. E o que é liberdade? Diz Hobbes, liberdade é ausência de constrangimentos. A liberdade acentua a noção de "direito" e a autonomia a de "dever". Então, de um ponto de vista de uma filosofia política, a noção de autonomia é mais interessante. Quer dizer eu sou responsável no meu mundo e a questão da liberdade é uma questão da modernidade, dos direitos e acho que é preciso formular com muita

rapidez a questão dos “deveres humanos”, como, por exemplo, em relação ao meio ambiente, aos seres humanos...

A coisa em si - O conceito de democracia, no dito, pós-moderno se fragiliza, pois como vamos trabalhar com o conceito de maioria se operamos com o conceito de diferença?

Celso - Eu perguntei uma vez ao Castoriadis algo assim, sobre os “direitos das minorias” em uma democracia. Ele botou a mão na cabeça em um gesto de reflexão profunda e disse: “esta pergunta é muito complexa”.... (risadas). Talvez pudéssemos abordar isto com o conceito de República, por que esta, como diria Aristóteles, tem como o objetivo o “bem de todos” e não somente da “maioria”.

A coisa em si - O Sr. Acha que a democracia está em crise?

Celso - É difícil pensar assim, generalizando. Vamos pensar no governo Lula, por que é preciso falar sobre isto. Para mim, o governo Lula está perdendo uma grande oportunidade de levar a democracia muito além. O que o governo Lula está fazendo? Está fazendo exatamente aquilo que a gente pensa que não deve ser a política! Ou seja, ele continua encarnando o ideal da representação política; aquela coisa de que um punhado de governantes faz as coisas *em nome* e *para* as pessoas. O fundamental seria atuar no sentido de tentar reverter a subjetividade política brasileira, criando mecanismos de participação

direta concreta das entidades sociais, das ONGs, dos movimentos de base, dos intelectuais, etc. Então se a gente falar em crise da democracia representativa... O governo Lula está perdendo a oportunidade histórica de dar a virada. O povo realmente assumir a política em primeira pessoa e constituir de fato sua cidadania.

A coisa em si - Acabar com a pantomina do paternalismo de estado...

Celso - É! Um pouco é o paternalismo. Mas também tem uma coisa que estou tentando pensar com relação ao Brasil. O Estado sempre foi de poucos, quer dizer, a atividade política, no Brasil, sempre foi feita por poucos; o que é uma forma de oligarquização da política em si. De um lado, os poucos que “fazem política”, de outro, a maioria que vive apenas os efeitos desta política. A política foi privatizada pelos políticos profissionais! Mesmo que - e pior ainda - eles se pretendam de esquerda.

A coisa em si - Prof., voltando, a questão da *Ágora Virtual*. Como é que fica a efetivação desta?

Celso - Esta é a grande questão prática. Acho que, para começar, podemos pensar sobre o fato de que existem, no Brasil, cerca de 15 milhões de conexões com a Internet, hoje. Mas antes de simplesmente se ater ao dado estatístico de que poucos têm acesso à Internet, eu prefiro pensar em termos de tendências e potenciais. Por exemplo, o Brasil, há sete ou oito

anos atrás, tinha pouco mais de cem mil conexões. Então quando se fala de *Ágora Virtual* é preciso pensar no caminho da televisão; quantos tinham uma televisão em casa nos anos 60/70? Então daqui a quantos anos todos terão acesso à Web? É bom lembrar que o alfabeto tem por volta de 2700 anos e ainda hoje temos analfabetos. O principal, em todo caso, é que o acesso simplesmente não garante nada se não tiver uma cultura instalada. Mas se hoje, de fato, tivéssemos 15 milhões de pessoas participando diretamente das discussões e decisões políticas do país, acredito que poderíamos resolver questões de forma muito mais inteligente e eficiente do que se faz hoje. Eu tenho certeza de que existem muitas pessoas brilhantes que poderiam contribuir no governo... Bom, como hoje estou pensando a *Ágora Virtual*? Estou iniciando um projeto de pesquisa que, aliás, já foi avalizado pelo Prof. Cirne-Lima, e que se chama "A República Digital". Este projeto, em primeiro lugar, retoma este grande pensador que foi Platão. Em segundo lugar, o conceito de República é extremamente interessante, pois me permite pensar um governo no qual todos participam para o bem de todos, mas dentro de suas diferenças. Então posso lidar com hierarquias, diferenças, desigualdades relativas... Nietzsche não podia aceitar a idéia de que um homem de coragem pudesse ter o mesmo valor que um covarde... Isto tudo é efetivamente muito complicado...

A coisa em si - E a questão... enfim..., somos iguais por natureza?

Celso - Esta é ótima. Toda a modernidade defendeu esta idéia. Locke, Kant, entre outros. Em Kant, a noção de imperativo categórico só pode existir no pressuposto da igualdade universal... Para abordar esta questão é preciso se apoiar nos "ombros de gigantes" como Nietzsche, Marx, Freud que desconstruíram muito a tradição filosófica ocidental e a modernidade. Nietzsche com sua *genealogia da moral vivida*, por exemplo, afirmou uma luta universal, histórica, psicológica entre o "bem" e o "mal". Entre o senhor e o escravo, o nobre que diz sim à vida, e o que diz não envenenado pelo ressentimento... Nietzsche, Freud e Marx diriam, sem dúvida, que somos diferentes.

A coisa em si - Civilmente poderíamos estabelecer uma igualdade perante a diferença?

Celso - Talvez sim, sobre alguns aspectos normatizantes, mas eu diria que os seres humanos são essencialmente diferentes. E isto é bom!

A coisa em si - E os diferentes têm que ser tratados como "diferentes"?

Celso - A gente pensa diferente, a gente sente diferente...